

Cruzada contra gays na Rússia inclui 'safári' de homossexuais

Nova legislação discriminatória do governo Putin incentiva crescente atitude de intolerância na sociedade

SANDRO FERNANDES
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br

-MOSCOU- Por módicos 250 rublos (R\$ 18), qualquer pessoa pode participar de uma caça em um safári na Rússia. Se a ideia de caçar animais já soa cruel, imagine quando o alvo do "safári" são homossexuais. É esta a ideia que o grupo Occupy Pedofilia está colocando em prática na Rússia e em países vizinhos. Muito popular na blogosfera russa, o movimento já tem mais de 170 mil seguidores em uma de suas páginas. O objetivo do grupo é a criação de um "banco de dados de pedófilos, para que qualquer cidadão russo possa saber se tem algum colega, professor ou médico" que se encaixe neste perfil. A caça é feita através da internet e os supostos pedófilos — que em quase todos os casos são, na verdade, apenas jovens homossexuais — são sujeitos a humilhações diante da câmera. Em seguida, os vídeos são publicados na página do Occupy Pedofilia, onde podem ser acessados livremente.

"Você é veado? Você sabe que isso é errado? Você sabe que isso influencia as nossas crianças?", grita no vídeo um dos membros do Occupy a uma das vítimas, cercada por cinco participantes da caça. "Olha pra câmera e diz que você não vai fazer isso de novo", insiste outro participante, enquanto um terceiro pinta o rosto da vítima e lhe dá pontapés. As cenas são fortes e pelo menos 250 vídeos deste tipo podem ser encontrados nas redes sociais russas. Em alguns casos, a vítima é forçada a beber urina e a confessar que é um pedófilo.

UNANIMIDADE NO PARLAMENTO

O grupo foi fundado na Rússia há um ano pelo ex-skinhead Maksim "Tesak" Martsinkevich, que cumpriu uma pena de três anos por incitação a crimes de ódio étnico.

— A Rússia não quer gays, não quer a tolerância do Ocidente — diz Tesak em entrevista por telefone ao GLOBO.

O grupo já tem representantes na Ucrânia e na Bielorrússia e pretende se expandir. Em agosto, um adolescente do Uzbequistão morreu depois de ter sido torturado por membros do grupo Occupy Pedofilia.

Ativistas LGBT russos acusam

o governo de incentivar a cruzada antigay através de novas leis.

— O governo legitima estas agressões porque cria leis que confundem as pessoas. Quem antes era indiferente aos homossexuais agora acha que tem a missão de limpar a Rússia do perigo ocidental, representado pelos gays — explica o ativista LGBT Sergey Ilupin.

Em 2006, a região de Ryazan aprovou uma lei local proibindo a propaganda da homossexualidade entre menores. Em 2011, foi a vez da região de Arkhangelsk aprovar a mesma normativa. No ano seguinte, a segunda maior cidade da Rússia, São Petersburgo, decretou uma lei similar, e o assunto chamou a atenção da comunidade LGBT internacional. O autor da lei, Vitali Milonov, chegou a acusar Madonna e Lady Gaga de promoção da homossexualidade durante os shows que as cantoras fizeram na cidade. Segundo Milonov, a homossexualidade é "uma doença facilmente tratada com jejum e oração".

Entre 2006 e 2013, dez regiões russas aprovaram legislações locais contra o que chamam de promoção da homossexualidade. Em alguns casos, as leis falam de "homossexualismo, sodomia, bissexualismo e pedofilia".

Em junho deste ano, a lei passou a ser federal na Rússia. A Duma (câmara baixa do Parlamento russo) aprovou por unanimidade a proibição da distribuição de "propaganda de relações sexuais não tradicionais".

O descumprimento da lei prevê multas que variam entre 4 mil rublos (R\$ 290), para indivíduos, e 1 milhão de rublos (R\$ 72 mil), para organizações.

— Ninguém no meu trabalho sabe que eu sou gay. Conteí só para o meu irmão e ele parou de falar comigo. Aqui em Moscou temos apenas dois lugares gays e sempre há casos de agressões nas saídas das festas. Prefiro encontrar amigos em casa — conta o jovem russo Vladimir (nome fictício). — E fora das grandes cidades a situação é muito pior.

Apesar da pressão internacional, as autoridades russas discordam de que a legislação seja homofóbica. Vladimir Putin disse recentemente em entrevista à TV estatal do país que "as pessoas de orientação sexual não tradicional não são discriminadas nem profissionalmente nem em seus sa-



Rejeição agressiva. Militantes homofóbicos pisam em bandeira símbolo do movimento gay durante um protesto em Moscou: internet está cheia de vídeos de humilhação de homossexuais por grupo que diz combater pedofilia

lários". O presidente russo reiterou que todos são cidadãos plenos, com igualdade de direitos. E completou:

—Asseguro que trabalho com gente assim (gays) e às vezes os condecoro por suas conquistas em um ou outro âmbito.

O ministro das Relações Exteriores, Sergei Lavrov, disse que a comunidade LGBT não está sendo discriminada, mas ressaltou que "não será permitido que os gays promovam agressivamente seus valores, que são diferentes dos da maioria, e os imponham às crianças".

O patriarca Cirilo, líder da Igreja Ortodoxa Russa, disse que a ideia de uma relação entre pessoas do mesmo sexo é "um sinal muito perigoso do apocalipse".

APELO AOS CONSERVADORES

Em entrevista ao GLOBO, o analista Alexander Kliment, diretor de pesquisa do Eurasia Group, explicou que a estigmatização oficial de gays na Rússia deve ser entendida como parte da mudança geral do Kremlin para uma retórica menos liberal sobre valores e identidade russa:

— Como Putin continua a perder apoio dos mais progressistas, ele está tentando reforçar o seu apoio entre a população russa mais conservadora, particularmente sobre a questão da homossexualidade.

Durante o Mundial de Atletismo realizado mês passado em Moscou, o assunto LGBT esteve mais uma vez no centro das polêmicas. A recordista mundial de salto com vara, Yelena Isinbayeva, defendeu a lei antipropaganda gay do país e o governo russo durante uma coletiva de imprensa.

—Na Rússia nós nos consideramos normais, pessoas com um padrão. Vivemos os meninos com as meninas, as meninas com os meninos... isso vem da História. Somos diferentes dos europeus e das pessoas de outros lugares. Nós somos contra a publicidade (da homossexualidade), mas não somos contra a escolha de cada pessoa — afirmou na ocasião.

Em janeiro deste ano, o âncora da televisão estatal russa KontrTV, Anton Krasovsky, foi imediatamente demitido de seu emprego quando revelou sua homossexualidade durante uma transmissão ao vivo. Krasovsky disse que tinha nojo da legislação que havia sido proposta — e que meses mais tarde foi aprovada.

Em maio, um jovem da cidade de Volgogrado foi violentado sexualmente com uma garrafa de cerveja e em seguida teve seu crânio esmagado em um crime de motivação homofóbica. O rapaz teria revelado sua homossexualidade aos amigos, que confessaram o ataque. ●

HOMOFOBIA DISSEMINADA

PESQUISAS INDICAM APOIO POPULAR À REPRESSÃO

-MOSCOU- A campanha governamental de cerco aos direitos homossexuais encontra amplo respaldo na população russa. De acordo com uma pesquisa realizada em junho pelo centro estatal de opinião pública VTsIOM, 88% dos russos apoiam a lei antipropaganda gay do país. O casamento entre pessoas do mesmo sexo também não é bem visto na Rússia, com 85% da população contra, segundo pesquisa divulgada em março pelo instituto Levada. As paradas do orgulho gay são reprovadas por 87% dos russos, segundo a mesma pesquisa, que revelou ainda que 16% dos entrevistados acreditam que os homossexuais devem ser isolados da sociedade, 22% dizem que o tratamento da homossexualidade deve ser obrigatório e 5% pensam que os gays devem ser "exterminados".

Outra pesquisa do instituto Levada indica que 37% dos russos acreditam que as relações entre pessoas do mesmo sexo resultam de uma "doença ou um trauma psicológico", enquanto 43% acham que é um "mau hábito".

Apenas 7% dos russos estão "definitivamente a favor" de que os gays tenham os mesmos direitos do restante da população.

De acordo com uma nova pesquisa que examina a identidade nacional russa, divulgada semana passada pelo centro VTsIOM, 51% dos entrevistados não gostariam "sob quaisquer circunstâncias" de ter um homossexual como vizinho ou colega de trabalho.

Proibida na ex-União Soviética, a homossexualidade foi descriminalizada na Rússia em 1993 e retirada da lista de doenças mentais em 1999, no governo de Bóris Yeltsin, antecessor de Putin. (S.F.)

Prisioneiro entre o jornalismo e o ativismo

Repórter americano é preso e indiciado por divulgar dados roubados na internet

DAVID CARR
Do "New York Times"

-NOVA YORK- Barrett Brown é uma vítima muito complicada. Baseado em Dallas e obcecado com as ligações do governo com empresas de segurança privada, o jornalista está preso há um ano, enfrentando acusações cujas sentenças, juntas, podem levar a mais de cem anos de prisão.

Profissionalmente, sua carreira incorpora muitos dos conflitos e contradições do jornalismo na era digital. Ele escreveu para o "Guardian", a "Vanity Fair" e o "Huffington Post". Mas, como

muitos de seus semelhantes, a linha que separa seu ativismo de seu jornalismo é inexistente. Ele já chegou, no passado, a servir como uma espécie de porta-voz para os hackers do Anonymous, apesar de alguns membros do grupo não gostarem de ser representados por ele.

Em 2007, Brown foi um dos autores de um livro bem recebido, "Bando de Dodôs: por trás do criacionismo moderno, design inteligente e do coelhinho da Páscoa". Ao longo do tempo, especializou-se na crescente aliança entre grandes empresas de segurança e o governo, argumentando que o relacionamento tinha um preço alto: a privacidade.

Todos os relatos — inclusive o dele próprio — indicam que Brown, agora com 32 anos, é um caso complicado. Ele era conhecido por telefonar para alguns

de seus alvos para atormentá-los. Tornou pública suas lutas contra a heroína e tende a ver conspirações em todos os lugares que vai. Ele também ameaçou um agente do FBI e sua família, pelo nome, num vídeo no YouTube.

105 ANOS, SE CONDENADO

Mas essa não é a principal razão pela qual Brown poderá passar o resto da vida na prisão. Em 2010, ele formou um grupo online chamado Projeto PM, que tinha a missão de investigar os documentos descobertos pelo Anonymous e outros. Se o Anonymous e outras organizações recebiam o material, Brown e seus aliados eram as pessoas que reuniam as peças do entulho em informações significativas.

Em dezembro de 2011, cerca de 5 milhões de e-mails da

consultoria Stratfor Global Intelligence foram hackeados pelo Anonymous e postados no site WikiLeaks. Os arquivos continham revelações sobre as relações próximas e talvez próprias entre agências de segurança do governo e firmas terceirizadas. Numa sala de bate-papo, Brown postou um link para o material. Havia dados de cartões de crédito e códigos de segurança nos e-mails. Os cartões de crédito não lhe interessavam, mas ao governo. E em dezembro do ano passado, ele foi indiciado por 12 crimes ligados a roubo de identidade. Brown enfrenta ao todo 17 acusações — incluindo três pela ameaça ao agente do FBI. Juntas, as sentenças podem chegar a 105 anos, e ele aguarda julgamento na cadeia de Mansfield, no Texas. ●



WikiLeaks. Simpatizante protesta em Londres: 'Eu sou Julian' (Assange)